

A camisa rosa

Paloma Vidal

Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP / ondeeunaouestou@gmail.com

Resumo:

Um conto erótico.

A camisa rosa

é a intermitência que é erótica

R. Barthes

... perdi a conta de quantas vezes me masturbei pensando na tua camisa rosa...

... perdi a conta de quantas vezes escrevi essa frase...

... e agora gravo estes áudios, mas desta vez não vou te mandar. São pra mim, pra conseguir ficar sem você, quer dizer, pra ficar com você, à distância...

... escrevo, gravo, e me masturbo...

... quando te vi pela primeira vez, não te achei bonito. Foi um instante. Eu estava com pressa. Na verdade, a amiga que estava comigo tinha pressa. Eu disse pra você que precisava ir. "*Qué pena*", você me disse. Se não tivesse havido essa frase, não teria sido um começo. Duas palavras, na minha língua perdida. Antes da camisa rosa, houve essas duas palavras, que pra mim vieram acompanhadas de pontos suspensivos...

... quando te vi pela segunda vez, alguns dias depois, você estava usando a camisa rosa. Sentamos um na frente do outro. A camisa estava ao meu alcance, como as tuas mãos...

... quando me masturbo, lembro delas, dos teus dedos, uns dedos finos, suaves. Lembro da frase. Lembro do intervalo entre tua pele e a camisa rosa. Ela é de linho e o tecido tem ondulações irregulares. A pele aparece e desaparece a cada ligeiro movimento teu. Lembro dos botões brancos, dos meus dedos percorrendo esses botões, desabotoando-os, contornando os buracos que ficam no tecido...

... antes do amor, esse tecido...

... antes do amor, o desejo dos teus dedos e desse tecido, o desejo dessa voz falando outra língua, me dizendo "*qué pena*". Foi pra te ouvir de novo que comecei a gravar áudios pra você, contando o que me viesse à cabeça: contei das eleições, do ELE NÃO, da nossa tristeza. Contei da poesia da Adrienne Rich. E das minhas dores de cabeça. Ri pra você. Não contei que perdi a conta de quantas vezes me masturbei pensando na tua camisa rosa...

... em algum momento você me respondeu: "*me gusta escucharte*"...

... "*me gusta escucharte*". O desejo precisa de pouco: um intervalo, um instante, uma frase, um tecido. Uma língua. Outra língua. Quase sempre fiquei em silêncio durante o sexo. Não me ocorria nada pra dizer. Alguns amantes me pediam pra repetir frases e eu fazia o que eles pediam. Eles gostavam de me escutar e eu gostava que eles gostassem...

... perdi a conta de quantas vezes me masturbei repetindo pra mim essas palavras. Eu repito suas palavras e elas viram minhas: gosto de te escutar.

Na outra língua essas palavras me tocam de outro jeito. Elas se liberam de mim, do que foi meu corpo até hoje. Meu corpo tinha uma forma, estava contido numa forma. Já hoje, agora, quando gravo estes áudios, meu corpo é uma coisa que começo a conhecer de novo...

... eu quase não te conhecia...

... foi pra te ver de novo que eu comecei a gravar áudios pra você. No meio da campanha eleitoral, não parecia existir tempo pra nada além da informação aflita. Parada num engarrafamento, tarde de noite, sobre a voz de uma cantora que diz "quero ser livre/ toda dor que atravessa não vai me fazer ficar triste", minha voz cansada não quer te dizer nada em particular. Não sei se você ouve essa música ao fundo. Eu gravo aqui e você ouve a quase 8000 km de distância...

... conto os dias e me masturbo...

... às vezes o desejo é acertado. Agora eu sei. A camisa, os botões, o intervalo. Eu poderia gozar sem sequer me tocar. Quando eu digo que me masturbo, às vezes é apenas uma lembrança. Eu gozo lembrando do teu sexo...

... teu sexo é rosa. É o pau mais bonito que eu já vi. É estranho pra mim pensar em beleza nesse caso, mas é o que me ocorre. Já o verbo "ocorrer" me parece perfeito: o que me acontece e o que me vem à cabeça. A beleza do teu pau é um acontecimento...

... quando te vi pela terceira vez, alguns meses depois, estávamos vivendo o início da nossa desgraça. Não se falava em outra coisa. Você estava interessado e eu te contava. No meio, o desejo. Quando você abriu a mala, vi a camisa rosa cuidadosamente dobrada. Sem saber, você tinha acertado. Alguma hora ela estaria de novo ao meu alcance...

... alguma hora, ela vai estar, de novo. Enquanto isso, escrevo, gravo, e me masturbo. É um tempo dentro do tempo, uma brecha onde a lembrança vive.

... lembro de você deitado, quieto. Essa quietude me surpreendeu. Me deitei do teu lado. Dois corpos, deitados, pernas, braços, tronco, cabeça, pés. Em algum momento vou falar sobre os teus pés, que por enquanto ainda não vi. Você está vestido, de calça, meias, com a camisa rosa. Eu também estou de camisa e calça, sem meias. Ficamos assim durante algum tempo. Ouço tua respiração leve. Não dizemos nada...

... quando me masturbo, lembro dessa espera porque sei o que virá depois. Sinto minha pele como a superfície que é. Quase posso sentir as partículas que tocam nela. Começo a ver a cena como uma câmera que filma muito próxima dos corpos. Me masturbar é um jeito de lembrar...

... na hora, a espera me fez sofrer, porque não entendi logo que era uma espera. Eu quase não te conhecia e estava deitada do teu lado. O que eu sabia? Sabia que você estava ali. Era um acontecimento. Mas eu não tinha

visto o teu pau. Antes de chegar ali a gente tinha conversado muito, mas nenhuma palavra sobre o desejo. “*Me gusta escucharte*”.

Essas palavras tinham ficado numa mensagem antiga, empurrada pra trás por outras mais novas, mais objetivas, mais óbvias, em que acertávamos um encontro...

... deitada do teu lado, eu pensava em algo pra dizer. Encontrar as palavras sempre foi a minha busca, uma busca difícil e demorada. Gravar áudios faz as palavras saírem mais facilmente, sem pensar muito. Respiro e vou: digo uma coisa, digo outra, devagar, vejo os segundos passarem, até que sinto que está na hora de parar...

... fico parada, não digo nada, espero. Entendo que dessa espera virá um gesto, meu ou teu. Um gesto, como o de uma mão que se desloca e se poussa sobre o outro corpo. Os dedos se movem como tentáculos. Eles sentem o botão e acariciam sua superfície redonda, empurrando-o pra fora da casa e fazendo surgir então um buraco, que se contorna. Através dele, sente-se a pele, uma mínima superfície quente que anuncia o que está por baixo do tecido. Um tecido é mais áspero, outro é mais liso, linho e algodão. Uma casa, depois outra, depois outra. Os movimentos são quase simétricos. Abre-se um espaço maior entre o tecido e a pele. As duas peles são suaves, uma tem mais pelos, pelos mais longos, que os dedos acariciam como uma corrente marítima movendo algas. Tudo agora se resume a esse movimento...

... do lado de fora, nesse dia, não muito longe, está o mar. Um mar cheio de pedras, algumas escorregadias pelo limo, outras ásperas e até cortantes. A matéria se acumula e se desgasta, mutante. Os pés pisam incertos, por mais que já tenham entrado muitas vezes ali. Cada vez é diferente.

Alguma hora a gente irá até lá e talvez você fique desapontado, talvez você não queira entrar, porque é um mar frio e indócil. A gente nunca se acostuma. É possível deixar-se levar, e boiar sobre as pedras, ao invés de tentar andar, escolhendo pra onde ir. Quando a gente estiver lá pode ser que eu te conte que uma vez fechei os olhos e boiei até parar em alto-mar. Poderia ter me afogado, mas assim como me levou pra longe, o mar me trouxe de volta e me deixou na praia...

... a palavra pra isso não é mais "espera". Não há nem esperança nem demora. Não é um tempo parado. É como se as palavras não existissem mais. O movimento é contínuo, mas não é simétrico. Os dedos fazem desenhos que variam. Varia o ritmo, varia a intensidade. Eles buscam alguma coisa só que não querem sair do lugar...

... quando me masturbo, passo pelos caminhos dos dedos naquele dia. Ora me aproximo dos meus dedos, ora dos teus. O meu prazer e o teu se fundem. Não há mais uma ordem, o que veio antes e o que veio depois, o que é meu e o que é teu...

... até que uma coisa acontece: o teu pau. Eu não o vi ainda. Continuamos deitados lado a lado. Gosto dessa horizontalidade que se prolonga enquanto

os dedos e as mãos se movem. Imagino teu pau que se deixa adivinhar sob a calça, mas ainda não vi nem senti. Minha mão vai até ele. Coloco-a sobre o volume que retesa o tecido da calça. Teu pau pulsa, erguendo ligeiramente minha mão, que então o aperta, como se ele fosse dela...

... acho que foi neste momento que te amei. Ou talvez tenha sido um pouco depois...

... antes do amor, essa pulsação...

... a mão e o pau se comunicam entre si. Ela sente ele pulsar e aperta pra dizer que está ali ou é ele quem pulsa pra se fazer sentir? Você e eu somos espectadores desse encontro. Ela e ele são muito diferentes. Enquanto o volume compacto dele pulsa, os dedos dela começam a se deslocar, pra reconhecer a forma que se adivinha sob o tecido...

... vejo através dos dedos, antecipo o que verei. Mas essa antecipação não me tira a surpresa, quando me ergo e vou até ele, e depois de abrir sua calça, com uma aflição alegre, finalmente o encontro: rosa, circunciso, rígido. Lindo! Digo isso a você, na tua língua: *¡qué lindo!*...

... essa cena se repetirá e será sempre uma surpresa. Talvez o amor dure enquanto isso durar...

... você fica em silêncio enquanto eu beijo o teu pau. Ele é suave e doce. O sexo e a escrita são parecidos: sempre se começa do zero. Beijo o teu pau

devagar, avançando e retrocedendo, procurando um caminho através de um suspiro ou de uma pulsação. Por mais que a forma seja familiar, é tudo novo. Minha língua tenta entender o que sua pele lhe diz, uma pele com vários relevos que ela percorre se movendo em vários sentidos, maleável como é. Com a ponta ela é mais precisa e rápida. Quando se espalha, deixa-se levar, e os movimentos são mais vagarosos...

... quando me masturbo, o que mais me faz falta é um diálogo quase inaudível, que diz o seguinte: "*¿te gusta así?*" "*Sí*" ...

... às vezes você acrescenta um pedido, que eu segure mais em cima, que eu chupe enquanto subo e desço a mão. Gosto que as coisas sejam simples assim, algo que eu posso fazer...

... em algum momento eu paro, me afasto, ergo o tronco e te olho. Você diz pra eu me sentar sobre o teu sexo duro. Abro os lábios com os dedos e encaixo a cabeça do teu pau na abertura. Sentimos um sexo pulsando para o outro. Começo a descer o quadril e a entrada é áspera, como se fosse necessária alguma resistência a um desejo tão forte. Você quase não se mexe. Meu quadril sobe e desce. Não falamos mais nada. Você goza soltando um "ah". Eu, quase. Meu sexo pulsa envolvendo o teu. Me mexo o suficiente pra fazer o gozo chegar...

... fazer o gozo chegar não é difícil. Difícil é ficar sem você. Sem o teu pau. Sem os teus dedos, tuas mãos. Da última vez que te vi pousei tua mão sobre a

minha e tirei uma foto. Quando me masturbo, vejo esses dedos e os sinto sobre meu sexo. É como se os meus dedos virassem os teus...

... não te vejo há setes meses. Desde que nos conhecemos, nunca ficamos tanto tempo sem um encontro. Teríamos nos encontrado se não fosse a pandemia...

... isto não é um lamento, por isso vou lembrar dos teus pés. Em algum momento você ficou descalço e eu estava prestando atenção em outra coisa.

Em quê? Quem sabe em você mesmo, mas em outra parte, mais evidente. Teu cabelo longo, castanho, cacheado, que às vezes você prende com um elástico preto, às vezes deixa solto, ao acordar, depois do sexo ou depois do banho. Eu te observo chamando tua atenção para o meu olhar. Você se deixa observar. Os pés em geral estão distantes ou escondidos. Você sente frio neles então quase sempre usa meias. Agora que já me apaixonei por eles, tiro as meias, me agarro a eles, é uma alegria...

... quando me masturbo, começo a lembrança pelos pés. É uma forma de ver as coisas de um outro ângulo. Teus pés descalços, lado a lado, se esquecem de sua função, sem andar, sem se apoiar, sem levar a lugar nenhum. Estão ali porque sim. Essa falta de sentido é o que eu preciso pra te manter comigo, à distância...

... você ri quando eu me aferro a alguma parte do teu corpo. O pau, os pés e as mãos que eu amo não são teus. Ou melhor, são e não são. Digo "teu" e

“tua” porque a língua me obriga, pra diferenciar você de mim, o teu corpo do meu, mas eu queria poder dizer de outro jeito e que, ainda assim, fosse possível entender essa diferença. Algo, quem sabe, como “o pau em você”. Amo o pau em você...

... acho que isso te faria rir. Eu disse que não te mandaria estes áudios, mas talvez eu mande. Talvez eu precise fazer você rir pra mim...

... imagino você recebendo-os. Imagino onde você estará. Não conheço a tua casa. Conheço apenas partes dela, pedaços que vejo numa foto ou num vídeo. Uma estante com livros, o braço de uma cadeira, o encosto de um sofá, um cacto. A camisa rosa num cabide. A persiana de uma janela.

Uma árvore do lado de fora que está começando a florescer. Um pássaro que pousa sobre ela. Você mora na casa há pouco tempo e ainda não se acostumou a usar o jardim. Mas ele está lá, um pequeno jardim com uma casinha ao fundo, onde você guarda o cortador de grama, uma mesa, as cadeiras e uma churrasqueira portátil, para uma vida que ainda vai chegar. Colada à casinha uma bandeira dos Estados Unidos que a ex-proprietária deixou e que você manteve, porque ela não é o que parece: a senhora que morava na casa era democrata e a bandeira era um jeito de não deixar que o outro lado invadissem tudo...

... não conheço a tua cama, mas te vejo nela. Me vejo nela também. Vejo nós dois vendo o dia começar lá fora, antes de tudo isso, ou depois, depois de tudo isso. Você me diz que vai passar. Eu repito nestes áudios: vai passar...

... me masturbar é um jeito de lembrar...

... é um jeito de lembrar que vai passar. Eu te pergunto se você se masturba. Você me responde: *Sí*. Sim, sim, sim, sim, vai passar, porque já está passando. Enquanto eu gravo estes áudios, enquanto eu me masturbo, as coisas estão em movimento. Há muita dor. Só se fala disso. Nossas frases são como ilhas. Antes da pergunta, faço um silêncio. Depois da tua resposta, mais um silêncio. Entre uma e outra não há nada além do desejo. Um desejo que pulsa e que diz que vai passar...

... teu pau pulsa. Você está deitado. O dia está começando lá fora e o sol entra pelas persianas que você comprou pra casa nova. Você gosta delas mesmo que não impeçam a luz de entrar. Talvez seja melhor assim.

Agora a luz entra enquanto você sente seu pau rígido porque você acordou faz pouco tempo. Você ainda não vai tocá-lo. Seu corpo todo ainda está acordando. Se eu estivesse aí talvez eu interrompesse esse turvamento e fizesse você mostrar pra mim tuas mãos, teus pés, e também o pau, abaixando a calça do pijama, surpreendendo-o com um olhar ainda meio adormecido, uma boca ainda meio adormecida, amarga. O amargo dela com o doce dele.
"¿Te gusta así?" "Sí" ...

... cada vez é diferente. Agora que a cama é outra, que a luz é outra, é diferente. Agora do lado de fora não está o mar. O verão está chegando no hemisfério norte. Você está começando a conhecer esse lugar e os seres que

moram aí. Ouço você me contar animado sobre um ruído que resultou ser um pica-pau batendo no tronco da árvore do jardim. Há várias espécies deles na região e você não conseguiu identificar qual era...

... ainda não falei da tua voz. Gosto de te escutar. Isso eu tenho apesar da distância. Mas a escrita tem seus limites e é mais fácil falar do teu sexo do que da tua voz. Poderia falar de aspereza, também de doçura, de lentidão e de pausa, de algumas vogais que se alongam, arrastadas pelo entusiasmo. Mas talvez não haja nada mais inacessível escrevendo do que isso. O grão da voz, da tua voz, o que faz com que ela seja diferente de todas as outras, não se alcança com palavras...

... com palavras eu posso falar da língua, do pau, das mãos, dos pés. Posso imaginar uma cena em que eu começo percorrendo com a ponta dos dedos o contorno do teu pé, como se desenhasse uma fronteira num mapa inventado. Vou acompanhando essa borda em direção ao calcanhar, passo pelo tornozelo, subo até o joelho, me detenho ali, porque quero conhecer uma outra parte do teu corpo. Te pergunto se você se lembra de ter caído, de algum machucado, algum arranhão, se há alguma cicatriz. Você me conta que jogava futebol quando era criança, adolescente e até mais velho, já morando nos Estados Unidos, mas nunca se machucou seriamente...

... me interrompo pra ouvir você me contar alguma coisa do teu passado. Gosto de saber pouco, de que haja várias lacunas, pedaços que não se juntam. Gosto que você me conte e depois fiquei em silêncio...

... imagino o teu corpo inteiro nu, mas nunca o vi assim, de uma só vez. Por isso agora peço pra você tirar a roupa toda. Você está deitado, eu me acomodo aos teus pés, de joelhos sobre a cama, e vejo você de um ângulo novo. Teu pau está duro. Te pergunto se os homens podem gozar sem ser tocados. Você diz que não sabe...

... observo você, deixando o desejo percorrer essa paisagem que é o teu corpo. O pau chama toda atenção pra ele. Eu peço pra você se masturbar. Quero ver como você faz, quero entender o seu ritmo, como a sua mão e ele se entendem. Você me propõe: "*hacelo vos*". Eu me aproximo dele e o beijo como se o cumprimentasse. Quando escrevo isso, penso que agora a gente não se cumprimenta mais com beijos, mas aqui isso não importa. Eu beijo o teu pau. Ao invés de segurar eu mesma, pego a tua mão e levo até ele. Minha mão sobre a tua segue o movimento dela sobre ele, um movimento que se acelera e se desacelera, intermitentemente. Você me diz que vai gozar e eu envolvo o teu pau com a minha boca...

... você me pede pra deitar do seu lado. Me acomodo ali, fecho os olhos. O tempo não tem passado do mesmo jeito. Agora já é outono. Você não se lembra de quando exatamente as árvores começaram a perder folhas e os pássaros deixaram de aparecer. Você me conta que um dia quis sentar pra ler no jardim e teve que entrar pra buscar um casaco...

... talvez enquanto você sobe as escadas em direção ao quarto você pense em mim deitada na cama. Você está nu e eu estou vestida. Você entrelaça suas pernas nas minhas, me abraça, e já não é possível saber de quem é o tecido e

de quem é a pele. Vejo a cena um pouco de cima, seu corpo está relaxado, abandonado ao meu. O meu está só aparentemente quieto. Minha boceta quer ser tocada. Eu te digo isso. Gosto muito de usar a palavra "concha". Nas duas línguas tem a ver com algo que se fecha, guardando algo que não se vê, e o "o" força a boca a imitar esse movimento. Eu pego os seus dedos e levo até ela, debaixo da calça. Você enfia primeiro um dedo, depois outro, eles estão um pouco frios, e o calor dela os envolve. Você os deixa ali. Eu a contraio, primeiro devagar, depois mais rápido. Busco o seu pau com a mão. Ele está duro. Eu gozo...

... quando eu me masturbo, às vezes eu choro, pela falta que ele me faz...

... você me conta que hoje preencheu a cédula com o seu voto e foi de bicicleta deixá-la no correio. O dia está ensolarado. O frio de verdade ainda não chegou. Você passa por um parque e me manda uma foto. Há um caminho e um banco verde sem ninguém. À distância, alguém correndo. De um lado e do outro, árvores de formas, tamanhos e cores variadas, uma variação impressionante de tons, entre os laranjas, vermelhos, amarelos, ocres, marrons e verdes. Aqui, do lado de fora da minha janela, o ipê já floresceu e está todo rosa. Te respondo com uma foto dele. Dizem que este ano estão mais lindos do que nunca.